

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL
BACHARELADO EM DANÇA**



Trabalho de Conclusão do Curso

**As Danças Urbanas como
potencializadoras de um campo de saber**

Michel de Castro Cordeiro

Rio de Janeiro, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL



Memorial apresentado ao
Departamento de Arte Corporal da
Escola de Educação Física e
Desportos da Universidade Federal
do Rio de Janeiro.
Orientação: Profa. Dra. Marina Elias

Outubro, 2013

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1	8
1.1 Urbanidade	
1.2 Tribalismo	
CAPÍTULO 2	11
2.1 Um campo do saber	
2.2 Grupo jovens de periferia	
2.3 Espetáculo “Que se Funk”	
CAPÍTULO 3	
3.1 Danças Urbanas mundialmente conhecidas – Histórias e Estilos	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

RESUMO

Este estudo propõe uma discussão entre a Universidade e as culturas urbanas, especificamente as Danças Urbanas, fazendo um apanhado histórico dessas manifestações típicas das cidades e seus entornos ao redor do mundo. Após aprofundar as reflexões sobre urbanidade e tribalismo, constatei mudanças de comportamento no homem urbano, a partir de uma leitura visual dos diversos signos culturais intrínsecos no movimento desses corpos inseridos na sociedade contemporânea. Como proposta, venho elaborando pesquisas acerca das mudanças comportamentais nas Dança Urbanas, buscando um maior entendimento das transformações do homem em grupo, do ser individual inserido no coletivo. Após cinco anos de imersão na universidade apresento em um recorte artístico, as linhas de pesquisa que norteiam esse trabalho, seus apontamentos e as contribuições que essas manifestações da humanidade em seus aspectos existenciais, podem propor acerca da contemporaneidade. Como resultado, apresento o espetáculo “Que se Funk”, do qual assino a direção e concepção. Trata-se de uma investigação cênica sobre o Movimento Funk, suas relações com a sociedade e as conexões estabelecidas entre os indivíduos e os espaços da cidade.

Palavras-chaves: Urbanidade, Tribalismo e Danças Urbanas.

INTRODUÇÃO

As manifestações gestuais humanas, as danças e as batucadas são tão antigas quanto o próprio homem, podendo ser consideradas, elas próprias, as origens da cultura. A dança sempre integrou as religiões e o trabalho, e com o tempo foi configurando-se como lazer e profissão. Os povos praticavam a dança, fazendo dela um bem cultural e uma atividade inerente à natureza humana; dança como atributo da vida e não somente da arte, da saúde ou da educação.

Viver é estar em movimento. O ser humano é um ser em constante movimento e utiliza-se dele para buscar conhecimento de si mesmo e daquilo que o rodeia, relacionando-se com objetos e pessoas. Estar em movimento é uma necessidade para que os indivíduos harmonizem de maneira integradora, as potencialidades motoras, afetivas e cognitivas. A dança é uma forma de integração e expressão, tanto individual quanto coletiva, na qual o homem exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. A dança é também uma fonte de comunicação e de criação. Com a atividade lúdica a dança permite a experimentação, no exercício da espontaneidade. Importante ressaltar que não há limites de idade na dança e seus benefícios atravessam gerações, e as mais inúmeras contribuições à saúde, ao bem comum e às artes. Nas atividades coletivas, as improvisações em dança dão oportunidade aos professores, alunos, intérpretes e bailarinos, de experimentar o virtuosismo e as deformações de seu corpo, de exercitar suas potencialidades motoras e expressivas ao se relacionar com os outros.

O movimento da dança é o próprio movimento da cultura; ela caminha para onde caminham os homens; ela se volta para onde se voltam os homens; e quando se petrifica em sal, como a mulher de Lot, é quando a humanidade, desorientada, se volta para as decrepitas Sodomas, para as arruinadas Gomorras de seu passado, buscando, no calor mortício de suas cinzas conforto para seus músculos enregelados. Um reino pode ser julgado – diz um velho adágio chinês – “pela qualidade de sua dança”. (EARP, 2000, p. 27).

O movimento Hip-hop Dance é um dos representantes mundiais das Danças Urbanas, porém, esta pesquisa está focada no movimento Funk Carioca, que, apesar de

possuir particularidades bem enraizadas no Rio de Janeiro, sendo este o seu principal local de manifestação, é uma dança presente em todas as regiões do Brasil. O hip-hop, o funk (batidão carioca), o frevo, as danças de influências nordestinas, o samba entre outras danças cujas principais manifestações acontecem nos centros urbanos, vêm sendo chamadas de Danças Urbanas. Trata-se de um conjunto complexo de diversas danças nascidas do improviso e na criação espontânea, agregadas a uma necessidade de manifestação cultural e artística, que vêm ocorrendo em diversas cidades do mundo, principalmente nos últimos 30 anos. No Brasil, essas manifestações culturais típicas das cidades foram impulsionadas nos anos 2000 e ganharam os palcos de todo o País.

A partir do momento que as Danças Urbanas foram reconhecidas nos grandes festivais de dança, nos teatros e shows e começaram a desenvolver projetos sociais, espetáculos e performances, iniciou-se também um movimento de embate entre as ruas e a Universidade, e ao colidirem foi inevitável o confronto de idéias. O que torna as Danças Urbanas interessante para universidade é justamente o fato de causar o conflito, levando a novas pesquisas de movimento desse corpo urbano latente, potente. O ser urbano como figura central da atualidade do momento contemporâneo, tem o movimento do corpo como ponto de interseção do encontro entre as ruas e a Universidade.

As Danças Urbanas aparentemente seriam fruto da globalização, devido à importação da cultura hip-hop no início dos anos 80, entretanto há indícios de manifestações urbanas no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife entre outras cidades do Brasil, desde o século XIX. O samba, a capoeira, o frevo, o xaxado, a congada seriam representantes dessas Danças Urbanas brasileiras. Apesar dos pesquisadores e professores do assunto, as intitulem como folclore brasileiro, é inegável o fato dessas danças citadas serem manifestações típicas de centros urbanos e suas periferias. O xaxado e o frevo são manifestações culturais originadas no sertão nordestino, entre as vias rurais e urbanas, entre fazendas e vilarejos, logo, na atualidade tornaram-se danças típicas das cidades. Da mesma maneira aconteceu com o Samba entre os anos 1920 a 1970 no Rio de Janeiro, continuando a falar sobre a cultura carioca foi no fim dos anos 70 que a juventude da época se apropriava de um estilo americano de cantar e dançar que ganhou o mundo, o funk. O subúrbio, principalmente as favelas, aderem aos batidões eletrônicos produzidos pelo funk, contudo depois de dez anos de

exportações de discos de vinil mal sucedidas e com a dificuldade de informação, iniciou-se, no início dos anos 90, um movimento de nacionalização desse estilo. Atualmente, o funk carioca é reconhecido como manifestação cultural brasileira, aprovada pela comissão de Cultura da Câmara, o Projeto de Lei 4124/2008, de autoria do deputado Chico Alencar (RJ).

O movimento de nacionalização do funk não abarcou apenas a música, as mudanças passaram a ocorrer também nas vestimentas, no dialeto e principalmente no corpo. Quando os tambores do candomblé, frevo e samba se confrontam com o funk, nasce um novo corpo. O corpo marginal, o corpo oprimido, o corpo favela provocando uma avalanche jovial que, apenas no Grande Rio, mobiliza a participação de mais de 1 milhão de jovens nos bailes cariocas semanalmente, fazendo com que “nenhuma outra atividade de lazer reúna tantas pessoas, com tanta frequência”. Baseada em estudos realizados pelo antropólogo Hermano Vianna Jr, em sua dissertação “O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos”, essa afirmação, que atesta o poder de mobilização do funk, mostra a sua importância para a construção de uma cultura. Baseado nesses fatos, compreendemos que este importante segmento da cultura, traria grande contribuição para as universidades brasileiras, se fosse abarcado de maneira mais intensa, incentivando e aprofundando práticas e discussões acerca desta dança, que tem como principal manifestação o próprio Corpo.

A sociedade passa por uma mudança de comportamento, refletido no surgimento das Danças Urbanas e na cultura mundial. Pensando no dia a dia das cidades, utilizando a arte como ferramenta de pesquisa para entender essas novas manifestações humanas, que representam as mudanças de quatro décadas (1980 a 2010), me senti instigado e provocado a refletir, principalmente quanto a criação coreográfica e a produção de um espetáculo sobre o tema. “Que se Funk” surge dessa inquietação do coreógrafo que é da Rua, pesquisador e pesquisado no embate em que as Danças Urbanas atuam como potencializadoras de um campo de saber.

A vida aumentou ao extremo sua velocidade, o excesso de informação, a aglomeração de milhares e até milhões de pessoas ao redor de um mesmo eixo, assim também aconteceu com a rápida difusão das Danças Urbanas, com os diversos signos representados em um curto espaço de tempo e as mudanças de força exigida dos

movimentos. Cruzando essas idéias sobre este paralelo produzido, podemos escrever poesias urbanas do cotidiano e fazer “brotar” arte do caos e da desordem das ruas.

Capítulo 1

1.1 URBANIDADE

Deve-se entender o sentido de urbanidade da quase extinção da vida no campo, quando a vida na cidade deixar de ser opção e tornar-se somente o que há. Utilizamos o termo “contemporâneo” para falar sobre a condição de medida de tempo na história, que vêm depois do pós-modernismo, no entanto, deixamos vago o pensamento sobre o acelerado crescimento das cidades que provoca uma mudança radical nos modos de vida nos últimos 30 anos. Apesar da pesquisa sobre Danças Urbanas estudar o comportamento do homem contemporâneo nessa medida de tempo, o apontamento principal na discussão são os Corpos Urbanos e suas manifestações na sociedade. Artisticamente podemos abrir licença poética nessa linha de tempo, incluindo o termo Urbanidade como conjunto de qualidades sócios comportamentais, mas também relacionando o conceito adotado aos não humanos ou aos objetos sócio técnicos, prédios, ruas, veículos, comunicação e outros. Todos nós somos urbanos, seja nos centros e periferias das cidades ou nas reservas rurais, pois não se dissociam mais os modos de viver das pessoas.

O ser urbano representando a figura da atualidade, o homem contemporâneo e seu movimento do corpo como ponto de interseção do encontro das ruas, desse “frescor”, e o discutir do saber universitário: os conflitos gerados desse diálogo podem, inicialmente, enfraquecer a aproximação com a Universidade, pois o conceito de urbanidade estabelecido no texto pode caracterizar a dança como um fato emergente, possuindo a cada dia novos valores e criando signos culturais que atravessam o cotidiano, contribuindo para essa evolução viril e comercial, que fez das Danças Urbanas uma das “avalanches” culturais mais significativas da história mundial. Fenômeno este, que vêm acontecendo, pelo fato de sua principal característica ser tribal. O tribalismo evidencia os encontros afetivos, valorizando os simples momentos de

estarmos juntos ao outro, de dividir instantes, dançar em roda e estimular as batalhas de passos com exibições bem articuladas do que esta sendo vivido naquele momento e da espontaneidade das emoções. Essa carga de adrenalina das batalhas somada ao corpo Marginal, a esse corporeidade oprimida da correria das cidades pode ser parte da “fórmula” provocadora e explosiva que faz das Danças Urbanas, um movimento acessível, inovador e espontâneo. E é aí que o encontro e o diálogo com o espaço universitário pode se dar.

1.2 TRIBALISMO

Esse fenômeno contemporâneo expressa, uma grande carga de vitalidade. Uma explosão energética que transcende gerações, classes sociais ou manifestações juvenis. Podemos observá-la nos entornos das cidades, na criatividade publicitária, na liberdade sexual, nas linhas arquitetônicas que guardam as memórias urbanas e principalmente o retorno aos valores mais simplistas do Homem. As Danças Urbanas nos provocam a interagir com o inconsciente coletivo, ou seja, os dançarinos, coreógrafos, líderes de grupos e companhias de dança, levam a sério os sonhos comuns, as experiências ditas conjuntas, empíricas, oníricas, o lúdico e as diversas manifestações que aproximam as nossas sociedades, que interligam o homem urbano e toda a natureza humana. O tribal vive e revive suas origens, as Danças Urbanas fazem um retorno ao arcaico, ao nativo e ao bárbaro em suas disputas espontâneas, porém, sem negar o pensamento verticalizado da sociedade contemporânea, mas conflitando esse racionalismo que tende a se aburguesar ou se comercializar.

Vou colocar, mais precisamente, como postulado que o dinamismo societal, que, de modo mais ou menos subterrâneo, perpassa o corpo social, deve ser relacionado com a capacidade que tem os microgrupos de se criarem. Talvez seja essa criação por excelência, a criação pura. Quer dizer: as “tribos” das quais nos ocupamos podem ter um objetivo, uma finalidade, mas não é isso o essencial. O importante é a energia dispendida para a constituição do grupo como tal. Dessa maneira, elaborar novos modos de viver é uma criação pura à qual devemos estar atentos. É importante insistir nesse ponto, pois existe uma “lei” sociológica que leva a julgar todas as coisas com base no que esta instituído. Essa carga nos faz passar ao largo do que esta em vias de surgir. O vai vêm entre o anômico e o canônico é o processo de que não

descobrimos toda a riqueza. Assim, para definir melhor o meu postulado, direi que *a constituição em rede dos microgrupos contemporâneos é a expressão mais acabada da criatividade das massas*. (MAFFESOLI, O Tempo de Tribos. Fl.164 e 165, 2004).

Maffesoli declara sua idéia de uma pureza criativa, dinâmica e viva. As Danças Urbanas enquanto tribo, possuem essa pureza, não por localidade, rótulo ou movimentações ditas das ruas, mas por estarem impregnando cada vez mais os modos de vida. Por trás das disputas, concursos, festivais e principalmente na construção das coreografias, existe um apego que vai para além da prática de dançar. *Trata-se de uma “reconsideração dos conjuntos das regras de solidariedade”* (MAFFESOLI, fl. 167. 2004). Podemos notar que a maioria das formações desses microgrupos, independente da classe social pertencente ou da idade do praticante, é formada por indivíduos que não são aceitos na sociedade comum, excluídos por não conseguirem se enquadrar nesse sistema vertical, de hierarquias medidas através do poder político, religioso, cultural e financeiro, além dos preconceitos que ditam um parâmetro entre o comum e a diferença, construindo a imagem de um homem ideal, para servir de modelo. Dançar é a manifestação maior, que festeja o fato de agregar diversos indivíduos juntos, dividindo os mesmos anseios, repartindo a criatividade e entrelaçando novas idéias. E parece que tal objetivo não deixa de, gradualmente, repercutir sobre o conjunto social. As Danças Urbanas vêm se tornando uma rede que liga e entrelaça os microgrupos e a massa.

Essa ligação não tem a rigidez dos modos de organização que conhecemos. Remete, antes, a uma ambiência, a um estado de espírito, manifesta-se, de preferência, através dos estilos de vida que vão privilegiar a aparência e a “forma”. Trata-se, de algum modo, de um *inconsciente (ou não consciente) coletivo* que serve de matriz à multiplicidade das experiências, das situações, das ações ou das deambulações grupais. Desse ponto de vista, é chocante observar que os ritos de massa contemporâneos resultam dos microgrupos que, por outro lado, são bem diferenciados, e, por outro, formam um conjunto indistinto e um tanto confuso; o que nos remete a metáfora orgiástica e à superação da identidade individual. (MAFFESOLI, O Tempo de Tribos. Fl.164 e 165, 2004).

Capítulo 2

2.1 UM CAMPO DO SABER

Apresentamos essas discussões sobre Urbanidade e Tribalismo, com o intuito de fundamentar epistemologicamente o conceito de Danças Urbanas. O conceito está carregado de signos culturais e transformações imbricadas com o homem urbano e a tendência de criarmos refúgios do sistema vertical da cultura das massas através da criação de grupos, de tribos. Na sociedade esses grupos são vistos como minorias, ou seja, ao relacionar essas organizações com o sistema Capitalista, podemos chamar essas manifestações de microgrupos. Podemos citar algumas tribos urbanas como os Motoclubes, Esqueitistas, Bar de Karaoke, Clube de Baralho, Grupos de dança e outros. Contudo, os estudos das danças urbanas devem ser entendidos principalmente como experimentação do desconhecido, já que por meio da dança o ser humano descobre suas potencialidades corpóreas, reconhece o outro e compreende o mundo com um olhar mais sensível, desenvolvendo além da artisticidade, e da consciência crítica, a participação na construção de novas formas de conhecimentos produzidas nesses microgrupos. A dança é também um importante veículo educacional, não se reduzindo apenas à aquisição de habilidades e reprodução de movimentos, mas abarcando o desenvolvimento das percepções humanas e suas relações com a sociedade. Isso tudo acontece por meio de um processo artístico, que visa um objetivo maior: o Ser em todos os seus aspectos.

Assim, considerando que o alcance social da dança, a partir do advento da modernidade, extrapolou o sentido elitizado do espetáculo, e compreendendo que uma das missões da universidade era a elaboração de teorias que atendessem às verdadeiras necessidades da práxis, a Professora Helenita Sá Earp reconheceu que, como profissional do ensino superior, lhe cabia um papel fundamental na sedimentação de um estudo que articulasse todas estas questões. Além disso, a inserção da dança no contexto universitário firmava suas relações com as diferentes áreas do conhecimento – ciência, arte e filosofia – e com as novas concepções e práticas pedagógicas e artísticas, atribuindo-lhe um caráter interdisciplinar [...]. (GUALTER, 2000, p. 29).

Gualter (2000), faz uma reflexão da importância da elaboração de teorias e também destaca a interdisciplinaridade que a universidade nos permite, atribuindo a esses fatos diversas modificações nas concepções e práticas pedagógicas e artísticas. Gualter relata a inserção da dança na universidade, a partir de um contexto histórico. Eram tempos militaristas em 1940, quando a professora Emérita Helenita Sá Earp inseriu pesquisas em dança dentro do Curso de Educação física na UFRJ. Nos momentos atuais vivemos uma transformação social de inversão de valores, de uma contra-cultura provocando uma revolução em busca da liberdade de expressão do corpo. É nesse contexto que levanto questionamentos e discussões dentro das universidades, para que possam estar atentos também aos fatos do presente, do agora. E o agora é um instante cedido às Danças Urbanas. Como poderíamos questionar o cotidiano do homem urbano, sem primeiro pesquisarmos a manifestação dos movimentos que cabem a ele? Nesse sentido, as Danças Urbanas agem como um potente espaço de entendimento dessas frustrações dos novos tempos e da sociedade verticalizada, apoiada na individualidade e nos discursos de consumismo ditos Globalização e Universalização. Como citado anteriormente, as Danças Urbanas nascem dessa inquietude da urbanidade, que, por sua vez, cria uma tendência de tribalismos. Para compreendermos melhor esta relação, precisamos nos debruçar nas pesquisas de campo e desenvolvermos linhas teóricas que fundamentem, na universidade, essas transformações dos homens urbanos, a partir da própria manifestação do seu movimento sem perder a espontaneidade das ruas. Nesse contexto, pareceu-nos adequado à pesquisa, buscar a apropriação dos modos de vida de um grupo de dança e poder desenvolver, a partir, do convívio com o grupo, um espetáculo de dança que pudesse potencializar seus corpos no ato cotidiano, no instante do viver.

2.2 GRUPO JOVENS DE PERIFERIA

Em setembro de 1998, nascia o Grupo de Dança Jovens de Periferia, fundado por André Araujo e Michel Cordeiro. Inicialmente, o intuito era dançar e se divertir, mas logo o grupo tornou-se um local para a prática cultural e produção de dança em Realengo, tornando-se, em pouco tempo, referência em danças urbanas da zona oeste no Rio de Janeiro.

O Grupo Jovens de Periferia foi citado na dissertação de mestrado de Carlos Henrique, como referência de jovens envolvidos no mundo Charme no Observatório Jovem – UFF. Também Marcelo Oliveira, na pós graduação em designer urbanos da Faculdade Estácio de Sá, fez referência ao grupo em suas pesquisas. Foi então que surgiram questionamentos quanto às influências do grupo dentro das favelas e o quanto nossa dança poderia encaminhar tendências de moda, dialetos, musicalidade e transformações na corporeidade dos praticantes. No início nossas coreografias traziam denúncias de preconceito, abuso de poder, descaso público e entre outros. André Araújo nos relata: “O grupo percebe a força movedora dos corpos dos dançarinos” e reverbera esse Movimento cultural e artístico não só dentro do Batan, favela onde o grupo reside, mas também pelas ruas da cidade. Nesse lugar, onde surgem os questionamentos mais profundos acerca do entendimento da sociedade e do comportamento do Homem, começa a surgir a cena.

Currículo:

- Em 2003, **Profecia Brasileira** na Vila Olímpica Mestre André no aniversário de um ano.
- em 2005, **Dança Beneficente** na Quadra da Unidos de Padre Miguel e 30 de setembro na Igreja São João e nossa Senhora das Graças em Realengo na comunidade do Batan.
- Em 2007, **Fragmentos de um Sonho** no Salão de festas Luau no Ponto Chic - Padre Miguel.
- Em 2009, **Em Chamas** representando o Brasil no encontro sul americano de preservação do planeta que aconteceu no **Suriname**.
- Em 2010, **Brasil Raízes** representando o Brasil na **Holanda** no Festival mundial Wekeen.

Em 2011:

- Flash Mob - Rio Hip Hop Kemp maior evento de danças urbanas da história do Brasil.
- Programa “Se ela dança eu danço” no SBT e convidados para o

- Programa Aglomerados com Naga Gizza e MV Bill.
- 7^o Arena Híbrida na mostra coreográfica e da mesa redonda com o tema mercado de trabalho para as danças urbanas.
- Plataforma dos Centros Urbanos (PCU) é uma iniciativa do UNICEF - Integrarmos durante 3 anos o grupo articulador local: Jovem Participação Social, inscrito e atuante na – Fundo das Nações Unidas para a infância e Adolescência.

Em 2012:

- Fevereiro - organizamos no Batan em Realengo o Flash Mob Mude 2012, reunindo 70 bailarinos e 300 espectadores para abordarmos o tema sustentabilidade onde moramos e no mundo.
- Maio – Encerramento do 1º ciclo do Plataforma dos Centros Urbanos – UNICEF. Apresentamos um fragmento coreográfico do espetáculo Batidão Carioca na abertura da cerimônia

Em 2013:

- Abril – 1º Seminário de Danças Urbanas do Brasil – DNA Carioca –

Data 20 à 28 de abril de 2013. Parceria entre o Departamento de Arte Corporal da UFRJ. Dividido em 06 coordenações: Workshop / Debates / Artigos / Videodança / Batalhas

2.3 QUE SE FUNK

Os últimos dois anos foram tomados por constantes pesquisas acerca de ambientalização, vestimentas e musicalidade da cidade do Rio de Janeiro, com ênfase no subúrbio. Esse campo de pesquisa oferecia uma diversidade imensa para aprofundar nossa temática de discussão e criação. Mas, após as experimentações com as tribos urbanas, mais especificamente com os Bailes Charmes, as Boates com músicas eletrônicas e os Bailes Funk's da favela e dos centros urbanos, definimos que a fonte de pesquisa para aprofundar nossos anseios seriam o Tribalismo e a Urbanidade. Os intérpretes foram submetidos a diversos laboratórios de investigação do movimento, inspirados nas tribos citadas, porém seus corpos respondiam radiantes e latentes ao som

do tamborzão. Trata-se de uma música com a base predominantemente feita por percussões do Atabaque, instrumento utilizado para dar ritmo aos pontos do Candomblé, capoeira e a outras manifestações folclóricas do Brasil. A partir daí, as pesquisas seguiram dois caminhos paralelos: o aprofundamento das discussões sobre Danças Urbanas como fenômeno mundial e o ato de construir cenas para o teatro mantendo a autenticidade das ruas, essa essência tribal.

SINOPSE

O Espetáculo é uma investigação cênica sobre o Movimento Funk, suas relações com a sociedade e as conexões estabelecidas entre os indivíduos e os espaços da cidade. As cenas são inspiradas nos bailes, no ir e vir pelas ruas e por esses encontros joviais que recodificaram a “Ginga Carioca”, história contada com o corpo e um jogo de mixagens musicais pela trajetória do Funk Carioca. O corpo e o movimento declaram suas vivências, idéias criativas e dinâmicas a respeito da cultura, que teve que se reinventar várias vezes para sobreviver em meio ao preconceito e censura, impostos pela sociedade e pelo Estado que tanto desejaram a extinção da maior manifestação jovem do país. Representando essas manifestações, as danças urbanas se apropriam dos diversos espaços culturais da cidade, entre eles teatros, cinemas e praças públicas, para nutrir a espontaneidade e a criatividade. Diversas cenas de “Que se Funk”, foram inspiradas no "Passinho do menor favela", uma nova dança surgida nas ruas. Assim, pretendemos levar o espectador a vivenciar a cultura Funk.



CONCEPÇÃO CÊNICA

ROTEIRO

1º Cena – “Olha o Bonde Passando”

- Solta a voz
- Paredão
- Então Vai!

B.O

2º Cena – Baile Funk

- Auto-falante
- O Baile
- Ostentação

3º Cena – Violação

- As Ruas

4º Cena – Ambiências

- Tira camisa
- Corredores

5º Cena - Campo de Transição

- Transições
- Era só mais um Silva

CONCEPÇÃO DE FIGURINOS

A pesquisa das vestimentas para compor as cenas do espetáculo, partiu no primeiro instante da própria moda funk. Roupas coladas, calças, tops, micro shorts, vestidos justos e curtos, as bermudas praieiras e os bonés americanos, que deflagraram uma estilização da superfície do corpo, logo ficando aparente que se trata de um prolongamento da pele. As vestimentas, musicalidade e Corpo formam um conjunto que permite que cada indivíduo seja personificado e ainda assim, possa incorporar valores estéticos coletivos.

Ao tentar isolar a moda Funk, constatei exatamente um movimento contrário, os funqueiros levando seu estilo e “envolvência” para os setores mercadológicos e essas manifestações gerando um estilo de vida. Na atualidade, o tribal vem invertendo as tendências das culturas de massa ou pelos menos criando uma rotatória entre as tendências de mercado impostas pela classe predominante e as produzidas nos guetos, subúrbios e periferias. Neste paradoxo, o principal foco são as formas que a sociedade vem organizando para reunir diversos códigos de conduta e aparência que identificam as tribos urbanas, em um contexto no qual a importância maior é ter uma experiência coletiva, simplesmente evidenciando afeto.

O foco que antes estava voltado para aparência do coletivo passa para a paleta de cores. Cada intérprete é marcado por uma variedade de tons da mesma família cromática, então as escolhas das cores ficaram ligadas as suas personalidades. O segundo passo para escolher a paleta foi inspirada nas cidades. O centro versus a periferia, pensando nas paredes dos prédios temos os tons de cinza do concreto, o verde dos musgos nos cantos dos muros e os metais, sejam eles novos, envelhecidos ou enferrujados. No transporte público podemos assistir pelas janelas o borrado da poluição visual das campanhas publicitárias e ao caminhar pelas ruas os panfletos e cartazes dão um colorido distorcido às calçadas. Nas favelas o vermelho dos tijolos, as pichações que demarcam os territórios e os grafites coloridos já desbotados de estarem na chuva e no sol compõem um conjunto de cores que representam os tempos urbanos.

Após as escolhas das cores, buscamos casar a paleta com as personalidades, o que foi acontecendo naturalmente durante o desenvolvimento do espetáculo.

CROQUIS



Aline Cardoso



Samir Santos



Jéssica Ramos



Douglas Rodrigues



Rodrigo Barboza



Camilla Simões



Marcos Guedes

ENSAIO FOTOGRÁFICO



Capítulo 3

3.1 DANÇAS URBANAS MUNDIALMENTES CONHECIDAS – Histórias e estilos

Movimento Hip-hop

Hip, significa pular e hop, significa rebolar, ou seja, pular mexendo os quadris. Adotaram essa expressão do Funk para que houvesse uma diversão para os mestiços mexicanos e os americanos negros. Por serem muito pobres e recriminados pela sociedade começaram a invadir galpões de velhas estações de trem e metrô no Brooklyn em Nova York e para dar ênfase às formas de se vestirem, apostavam em um visual bem “louco” e barato, usando roupas leves, maleáveis e coloridas para ajudar nos movimentos de break. Com toda essa loucura e movimentação, surgiram também nas periferias, os Dj’s e o Graffiti. **Disc Jockey** (dj’s) eram os que comandavam o som com as misturas de músicas e batidas nos encontros. **Graffites** são belas pinturas feitas por artistas das ruas que passam mensagem para as pessoas, surgiram nos vagões de trem ou ao redor de suas paredes, para poder demarcar os locais de suas gang’s e enviar mensagens de protesto. Inicia-se assim, um movimento que se tornou fenômeno internacional e contagiou todo o mundo com suas palavras rimadas com ritmo diferente, sua dança dinâmica e arte que critica, conscientizando. Atualmente existe o **Consciência** que são sons e efeitos realizados ao vivo pela voz, imitando loop’s e variados ruídos, e conhecido como quinto elemento do Hip-hop. **Bith-box e Street Basketball** também disputam para serem visto como o quinto elemento do Hip-hop.

Street Dance

O termo dança de rua, na verdade, relata que as influências que deram origem a determinada dança são de pessoas que vivem na cidade. O termo “rua”, justifica-se por ser um local de passagem, transição por onde a sociedade transita, local em que o ritmo dos passos nos faz nação e as manifestações culturais fortalecem a identidade brasileira. No decorrer do projeto de pesquisa o conceito de Dança de Rua aparece, mas não com o intuito de cristalizá-lo, tendo em vista que existem inúmeras definições, algumas aqui serão citadas na tentativa de melhor explicá-las, uma vez que tais conceitos são categorias construídas nas vivências das ruas.

Break Dancing

Break dance como é mais conhecido é um estilo de dança criado nos anos 70 para complementar o estilo musical que estava surgindo: o Rap. Rap significa ritmo e poesia. Break são movimentos corporais que foram divididos em 4 formas: 1º *Looking* – Os dançarinos executam movimentos sincronizados, que parecem uma coreografia, mas tem uma ginga individual de dança, um jeito malandreado de ser, que deve ser único. 2º *Top Rock / foot work / freeze* – São movimentos que juntos formam uma sequência que imita um embriagado jogando o corpo para o chão onde executa rapidamente movimentos com as pernas, rodopiando e entrelaçando os membros, até que finaliza com freeze, que é uma paralisação dos seus movimentos de maneira que possa surpreender logo após com uma acrobacia. 3º *Power move* – São acrobacias executadas após uma sequência de movimentos corporais para mostrar o desempenho do b.boy ou b.girls como são chamados os que praticam esse estilo de dança .

House dance

The Jack

Jacking é o termo conhecido em Chicago para mexer o quadril junto com o corpo, é o controle principal da dança house. A dança pode ser feita em qualquer lugar grande ou pequeno, os movimentos são discretos, mas ao mesmo tempo mexem o corpo inteiro. O jacking é o fundamento da dança.

Características do House dance

Jacking, a origem da dança house está nesse passo, pois marca o ritmo e dá a essência dessa dança. Os passos são executados no Up Tempo (contra tempo), dentro da batida típica do house e sempre usam o HiHat (chimbalete) como guia rítmico. O House tem uma grande influência da Salsa e do Tap (sapateado americano). Nos anos 90 muitos movimentos de chão foram introduzidos e uma grande influência da Capoeira está presente hoje em dia nesse estilo de dança.

Loft

Seguindo a tendência das danças sociais em Nova Iorque, esse estilo emplacou em meados dos anos 80. O prazer e o amor a esse tipo de música foram as características mais importantes desse estilo. As roupas ajudam muito, já que os dançarinos de lofting optaram por usar roupas mais formais, ficando livres para realizar qualquer tipo de movimento. O “feeling” dessa dança tende para giros e movimentos no chão (floor moves).

Os movimentos são quebrados dentro de alguns tópicos:

- Leves, contínuos, e tendo uma relação da música com os membros.
- Os movimentos com os pés são movimentos crus, mas que dão ênfase a velocidade ou a força.
- Largo, atlético e desafiando movimentos de graça e controle.

Footwork

O footwork é uma parte da dança que é muito ampla, na verdade a dança toda é muito ampla, mas nos footworks usam-se chutes, deslizes, cruzadas e taps. Stomping (estilo mais agressivo), skating (movimentos parecidos com os dos patins, como se estivesse flutuando), o jacking e outras formas como wacking e vogue, se correlacionam e ajudam na criatividade dos footworks. A velha geração (Brian Green, Caleaf Sellers, E-Joe, Justice, Terry), a média (Frankie, Story e Ramir) e a nova, trocam informações, influenciando-se mutuamente e aumentando o vocabulário da dança. Alguns dos movimentos são: tip-tap-toe, heel-toe, loose legs, hurdle, mixando com chutes, slides, pas de bourree e house dance.

Locking

Locking (originalmente conhecido como Campbellocking) é considerado um estilo de funk. Trata-se de um rápido e preciso movimento de braços e mãos combinados com quadris e pernas. Os movimentos são geralmente amplos e exagerados e freqüentemente rítmicos e firmes (compactos) com a música. Locking é uma performance executada rapidamente, sempre interagindo com o público através de sorrisos ou dando-lhe alguns

movimentos naturalmente cômicos. Locking foi originalmente dançado para o funk tradicional, assim como James Brown. O funk é comum ainda para os dançarinos de locking, e usados em muitas competições. O nome é baseado na concepção dos movimentos do locking, e basicamente significa congelar através de movimentos rápidos, parando em certas posições e depois continuando rápido como antes. Esses movimentos criam um forte contraste a fim de que muitos movimentos rápidos que são, por outro lado, executados continuamente de forma precisa, combinem com gestos (mímicas) ensaiados, atuando para o público e para outros dançarinos. Locking exige muitas acrobacias e movimentos bem elaborados, assim como “travar” os joelhos dando a impressão de “ruptura”. Esses movimentos também requerem joelheiras ou algum outro protetor.

O dançarino de locking é chamado de locker. Lockers normalmente usam um estilo de roupa característico, assim como roupas coloridas com listas e suspensórios. O início do Locking pode ter como protagonista um homem em particular, Don Campbell, que depois dos anos 60, misturou algumas danças passageiras (que eram moda), adicionando movimentos próprios (conhecidos como “Trava” - Lock). O resultado da dança foi chamado de Campbelllocking, que foi mais tarde conhecido como Locking. No início dos anos 70 surgiram os grupos de dança de Locking. O mais notável foi o grupo de dança “The Lockers”, criado pelo próprio Campbell, firmando assim a fundação de locking e dos estilos de roupas. Mais tarde, o locking tornou-se parte do crescimento da cultura da dança hip hop, e teve influência dos mais recentes estilos, como popping and breaking. Locking é ainda totalmente popular, e muitos artistas atuais executam movimentos derivados do locking em seus vídeos.

O Locking foi disseminado nas antigas discotecas dos anos 70. Podendo ter sido desenvolvido individualmente ou em harmonia com 2 ou mais dançarinos fazendo steps ou handshakes juntos. O locker pode sorrir enquanto faz sua apresentação, em outros momentos, um comportamento sério deve ser preservado para dar ênfase na técnica. Outro importante estilo característico é a “explosão” (vibração) dos braços, paradas, posição e firmeza dos passos e movimento (giro) da boina ou chapéu. Don Campbell foi o inventor dos freezes originais. Em 1971, quando nomeou sua dança por “travas” (locks), ele incorporou seu ritmo único e adicionou gestos, assim como apontar e bater palmas. Outros dançarinos também adaptaram-se a este estilo, enquanto juntavam

alguns dos passos e movimentos listados a seguir: Alphas (Criado por Alpha Anderson), The Skeeterrabbit (Criado por James "Skeeter Rabbit" Higgins), Stop n Go (Criado por Greg "Campbellock Jr." Pope), Scooby doo (Criado por Jimmy "Scooby doo" Foster), Which a way (Criado por Leo Williamson).

Waacking

Waacking surgiu originalmente na década de 70, como a interpretação gay de Locking. Trata-se de movimentos altamente dinâmicos dos braços, que se assemelham a implantação de Locking no pulso, mas mais exagerado e prolongado. Este estilo de dança também incorpora afiadas poses, que são chamadas Vogueing, configurando um estilo comumente feito em conjunto com wacking. Waacking pode ser dançado com um leque de gêneros musicais da casa de Hip Hop. Este estilo de dança também é comumente incorporado em conjunto com outras formas de dança, tais como Locking e House. Apesar de ganhar popularidade apenas nos últimos anos, waacking estabeleceu-se mundialmente como uma forma de dança urbana. É divertido, cool, enérgico e adequado para qualquer entusiasta de dança que quer tentar algo novo.

Sendo um estilo criado dentro dos conceitos do Locking, o waacking torna-se indissociável dele. Locking é praticamente o “pai” do waacking, é necessário saber muito de locking pra entender e se aprofundar no waacking, é o mesmo que Waving dentro do universo do Popping, ou Lofting dentro do House Dance. Waacking é uma versão gay do Locking, pode parecer engraçado, mas é o que aconteceu, uma comunidade gay desenvolveu o estilo dentro dos conceitos do Locking e depois as mulheres e até mesmo os membros dos The Locker’s aderiram o estilo, como por exemplo, Shabba Dôo. Shabba Doo foi quem ensinou uma Lollipop sobre Waacking/Punking, e hoje ela é ainda o maior nome desses estilos. Punking começou com um tipo de brincadeira onde as pessoas gostavam de imitar os casais brigando. Então, nesse caso, Punk vem de bater, de espancar. No início as pessoas dançavam juntas para sempre imitar os casais brigando sem se tocar, mas depois de um tempo começou a se dançar separado, então foi quando o Waacking se misturou. Sendo assim, os passos são realizados dando socos em cima da cabeça ou no ar. Isso é Punking, mas não podemos esquecer que trata-se de um entrelaçamento de danças, e que nem todos os movimentos são Waacking. As duas danças se tornaram uma só.

Influências de outras danças no “waacking”: Jazz, Afro, Dança Flamenca, Locking e Garbo style.

Dance Hall

O Ragga assemelha-se ao reggae, porém partes da instrumentação (ou a maioria vasta dela) são digitais. O estilo é geralmente associado com o dancehall. “Ragga” é a abreviação para o “raggamuffin,” originalmente um termo usado pela juventude do ghetto de Kingston; Por causa dos custos relativamente baixos de ritmos feitos por sintetizadores, o ragga transformou-se na modalidade preferida para muitos produtores Jamaicanos, permitindo também, fugir da idéia de “Roots”. O ragga não precisava ser feito com a mesma fé que os rastas usavam para compor um reggae. Embora o ragga seja ligado nas mentes de muitos, através do DJ que brinda os cantores com fortes batidas, os cantores dirigem-se freqüentemente a interesses românticos e de Rastafari, e os dois estilos vocais são misturados freqüentemente. O primeiro registro do ragga foi Wayne Smith, em 1985, único “about me Sleng Teng” que foi produzido por King Jammy e construído em torno de um ritmo que foi descoberto ser pré-programado em um teclado Casio. Seu impacto era imediato. Durante os anos 90 o ragga remanesceu firmemente como o som mais popular para os dancehalls Jamaicanos. Começou a incorporar técnicas de amostragem do hip-hop, e diversos de seus artistas marcaram batidas do cruzamento nos Estados Unidos; o ragga era também uma influência importante na cena, prosperando da selva/drum'n'bass do Reino Unido. O Ragga, entretanto, não é considerado parte do movimento hip-hop.

O Dancehall é um estilo musical popular jamaicano que nasceu no fim dos anos 70. Em princípio, era um estilo mais escasso e menos político e religioso do que o estilo das raízes do reggae (Roots), que por sua vez dominou a maior parte dos anos 70. O estilo moderno do dancehall é híbrido e caracteriza um "selecta" (DJ) ou um “deejay” (MC) que canta e produz as próprias batidas com colagens de reggae ou com recursos musicais originais. Geralmente são abordados temas de rudeboys. A estrutura musical é enraizada no reggae embora os ritmos jogados digitalmente o tornem consideravelmente mais rápido. Em meados dos anos 80 o instrumental ficou mais digital afetando o som, consideravelmente. Com o tempo o dancehall digital (ou o popular "ragga") foi cada vez mais sendo caracterizado por ritmos mais acelerados com pouca conexão com os ritmos

do início do reggae. Pelos anos 90, o cruzamento do dancehall com muitos gangsta rap era comum. O estilo de dancehall moderno também é popularmente conhecido como Bashment.

Poppin

Popping é uma dança do Funk baseada na técnica de “quicar”, contraindo e relaxando os músculos para causar um “empurrão” no corpo do dançarino, referindo-se a um “estouro” ou batida. Isso é feito continuamente com o ritmo da música, combinado com vários movimentos e poses. Um dançarino de popping é conhecido como Popper. Popping é também usado como um termo para um grupo de dança com estilos e técnicas que são frequentemente integradas ao popping para criar mais variedade de apresentações (performance).

Acredita-se que a dança foi desenvolvida na Califórnia em 1970, parcialmente inspirada pelo locking. Assim como outras danças, o popping é normalmente apresentado em batalhas, tentando desafiar outros dançarinos ou grupo de dançarinos na frente da multidão. Isso incentiva a improvisação e movimentos que são vistos em shows e performances, assim como a interação com o público. Hoje em dia, o popping está sendo incorporado na cena hip hop e eletrônica.

Depois dos anos 70, o grupo de popping Electric Boogallos (antigamente conhecido como Electronic Boogaloo Lockers), da Califônia, contribuiu bastante para a propagação do popping, principalmente por causa de suas aparições no programa de televisão Soul Train. Os próprios Electric Boogallos indicam que em torno dos anos 1975-1976 seu fundador Sam Solomon (a.k.a. Boogaloo Sam), após ser inspirado por um dos grupos de locking pioneiros, os The Lockers, criou um jogo dos movimentos que evoluiu os estilos conhecidos hoje em dia como popping e boogaloo. Ele criou também uma dança popular passageira nos anos 60, conhecida como Jerk. Ao dançar, Sam dizia a palavra “Pop” toda hora que ele flexionava seus músculos, eventualmente introduzindo a dança Popping. Muitos confirmam o relato do Electric Boogallos, de que Boogaloo Sam foi o responsável pelo surgimento do popping. A mídia contribuiu com propagação do popping e dos estilos relacionados, através de filmes, tais como o Breakin, mas fez também uma confusão nomeando todos os estilos como Breakdance. Popping é o nome dado a um estilo específico da dança.

ElectricBoogaloo

Trata-se de um estilo que tenta dar a impressão de um corpo “sem ossos”, parcialmente inspirado por filmes e desenhos animados. Utiliza ritmos e movimentos circulares em várias partes do corpo, tais como os quadris, os joelhos e a cabeça, e busca também separar (deslocar) o tronco do quadril. O estilo foi desenvolvido em 1976 por Boogaloo Sam. Combinado com o popping, o estilo tornou-se electric boogaloo, tornando-se a marca registrada do Electric Boogallos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EARP, Helenita de Sá. *As atividades Rítmicas educacionais segundo nossa orientação na ENEFD*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000. 68 p.

BUZO, Alessandro. *Hip Hop: Dentro do Movimento*. Coleção Tramas Urbanas (Literatura da Periferia Brasil) Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2010.

GUARATO, Rafael, *Dança de rua: Corpos para além do movimento*. Uberlândia, Eduf, 2008.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

GUALTER, Kátia. *A Institucionalização da Dança na UFRJ e a sua Disseminação no Estado do Rio de Janeiro* in *I Coletânea de Artigos do Departamento de Arte Corporal*. Papel Virtual: Rio de Janeiro, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL

O Trabalho de Conclusão do Curso: As Danças Urbanas como potencializadoras de um campo de saber

elaborado por: Michel de Castro Cordeiro

e aprovado pelo(a) professor(a) orientador(a) e professor(a) convidado(a), foi aceito pela Escola de Educação Física e Desportos como requisito parcial à obtenção do grau de: (Licenciado(a) em dança, Bacharel em dança ou Bacharel em teoria da dança)

10,0

(grau)



Documento assinado digitalmente
LARA SEIDLER DE OLIVEIRA
Data: 06/06/2025 07:44:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROFESSORES(AS):



Documento assinado digitalmente
MARINA FERNANDA ELIAS VOLPE
Data: 05/06/2025 20:19:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador(a): Marina Fernanda Elias Volpe

Convidado(a): Lara Seidler de Oliveira



Documento assinado digitalmente
ALINE DOS SANTOS TEIXEIRA
Data: 06/06/2025 16:11:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Convidado(a): Aline dos Santos Teixeira